

Pesquisando podcasts: desafios teóricos e metodológicos¹

Ana Luiza Sheludiakoff COUTO²

Luis Mauro Sá MARTINO³

Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, SP

RESUMO

Este artigo é uma reflexão sobre os procedimentos metodológicos em um estudo sobre os chamados “podcasts”, formato de mídia sonora desenvolvido no ambiente digital. O texto deriva de um Trabalho de Conclusão de Curso sobre a produção de podcasts, focalizando os “podcasters”, produtores desse conteúdo. A ideia é discutir algumas questões levantadas durante o percurso metodológico da pesquisa: como estudar os “podcasters”? O que há de específico no estudo de “podcasts” em relação à outras mídias sonoras? Para isso, há uma “metarreflexão” sobre os caminhos trilhados, bem como as etapas desenvolvidas até o momento e alguns dos resultados iniciais. Finalmente, pretende-se ainda promover o debate sobre esse formato de mídia na produção acadêmica de comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; podcaster; internet; mídias digitais.

Introdução

Meu contato com o podcast começou de forma bastante espontânea, quando entrei na faculdade e passei a consumir esse tipo de mídia. Mas foi apenas dois anos depois que comecei a vê-la como um possível tema de pesquisa. Nessa época, já tinha interesse em meios sonoros e colaborado na rádio-laboratório da minha faculdade. No entanto, no que diz respeito a podcasts, nunca havia acompanhado o processo de produção de um episódio. Foi então que algumas dúvidas começaram a surgir: quais seriam as semelhanças e diferenças entre esses dois processos? Como é feito um podcast? Em que pontos rádio e podcast se aproximam, e a partir de qual aspecto passam a se distanciar?

Essas perguntas me motivaram a procurar estudos e artigos já produzidos sobre podcast no Brasil. A intenção era conhecer melhor meu potencial objeto de estudo e reunir

¹ Trabalho apresentado no IJ04 – Comunicação audiovisual, da Intercom Júnior – XIV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 4º. ano do Curso de Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero, e-mail: aluiza.couto.97@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do PPG em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, e-mail: lmsamartino@gmail.com.

material teórico sobre o assunto. Com isso, vi uma oportunidade para explorar o tema mais a fundo no meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Porém, durante a realização do TCC, algumas dúvidas metodológicas apareceram e geraram dificuldades, precisando ser respondidas ou no mínimo contornadas para que o trabalho pudesse seguir em frente: estudar podcasts é estudar “rádio”? Ou é estudar “mídias digitais”? O que diferencia um do outro na hora de estudar? O que há de específico no estudo de podcasts?

A seguir, discorro sobre os caminhos trilhados durante minha pesquisa, procurando oferecer, ao menos em parte, essas respostas. Também trago alguns dos resultados parciais obtidos com ela, para ajudar a esclarecer, através da minha própria experiência, em que consiste um estudo sobre podcasts.

1. O contexto do trabalho

Inicialmente, meu Trabalho de Conclusão de Curso foi nomeado “Mundo Podcast: estudo de caso de uma iniciativa colaborativa pela difusão do podcast”. Como o nome indica, tratava-se um estudo de caso do portal Mundo Podcast. O objetivo era realizar uma análise dos conteúdos da plataforma, que tratam de temas ligados à produção, audição e discussão da mídia podcast. Além disso, pretendia abordar as interações geradas por esses conteúdos, na forma de comentários, visando compreender de quais maneiras o Mundo Podcast atua para estimular o engajamento e a mobilização do seu público alvo – os podcasters, como são chamados os produtores de conteúdo que trabalham com esse tipo de mídia.

No entanto, uma vez iniciado o trabalho, notou-se que a publicação de novos conteúdos metalinguísticos na plataforma, foco principal do trabalho, era menos frequente do que o esperado, sendo o material insuficiente para sustentar a realização de um TCC.

Foi tomada então a decisão conjunta, entre aluna e orientador, de mudar o objeto e a pergunta de pesquisa do trabalho, mantendo o podcast como núcleo principal. Essa resolução, que obviamente causaria mudanças significativas no projeto de pesquisa inicialmente estruturado, segue a noção de Braga (2011, p. 9) para a “essência da reflexão metodológica”:

O processo metodológico básico não é o de definir uma regra de encaminhamento e depois segui-la estritamente; mas sim o de rever cada passo dado e refletir sobre a justeza de seu direcionamento, corrigindo-o no próprio andamento da pesquisa. (BRAGA, 2011, p. 10)

Tomando como inspiração a obra “O mundo dos jornalistas” (TRAVANCAS, 1993), a nova proposta englobava um estudo de produção com podcasters. Em termos metodológicos, optou-se por realizar entrevistas com esses indivíduos, além de acompanhamento *in loco* do processo de criação e gravação de um número ainda não definido de episódios, coletando informações sobre todas as etapas, desde a pauta, passando por gravação e edição, até a publicação. O objetivo final é obter um conjunto significativo de observações e informações gerais e individuais dos podcasts selecionados que permitam compreender os processos de realização dos episódios. Isso tornaria possível a constituição de um outro olhar sobre essa mídia, a partir da perspectiva de análise do processo de produção de um episódio, e não do produto final.

A escolha por essas delimitações para o trabalho parte do pressuposto de que a melhor técnica para se conhecer um objeto vai além do simples estudo do mesmo, e baseia-se em conhecer quem o faz e entender a forma como ele é feito. Nesse sentido, segundo Gonsalves (2001):

A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...] (GONSALVES, 2001, p. 10)

Para a própria Travancas (2006), num plano mais geral, a etnografia é “parte do trabalho de campo do pesquisador. E é entendida como um método de pesquisa qualitativa e empírica que apresenta características específicas” (TRAVANCAS, 2006, p. 4), dentre as quais pode-se destacar “a riqueza de detalhes que a ida a campo proporciona, a observação dos fenômenos da realidade no lugar em que ocorrem, o contato próximo com o objeto de pesquisa e as interpretações e reflexões que podem ser feitas *in loco*” (MARTINS; BORELLI, 2008, p. 3). Nesse sentido, essa técnica mostra com detalhes determinados processos do cotidiano do grupo social a partir do qual o recorte analítico é feito, o que condiz com os objetivos do trabalho.

Além disso, Oliveira (1996) destaca que “talvez o que torne o texto etnográfico mais singular, quando o comparamos com outros devotados à teoria social, seja a articulação que ele busca fazer entre o trabalho de campo e a construção do texto”

(OLIVEIRA, 1996, p. 13). Isso está diretamente ligado ao fato de que, para ele (OLIVEIRA, 2000), o trabalho do antropólogo consiste em três tarefas complementares: olhar e ouvir disciplinadamente, sob orientação de um aporte teórico específico, e escrever sistematizando aquilo que foi observado – ou seja, a etnografia é um trabalho minucioso de observação, escuta e descrição, o que se aproxima muito do que o que um jornalista faz.

No entanto, o pesquisador deve realizar uma descrição mais densa, ultrapassando uma exposição superficial dos fatos ao interpretá-los, e estando sempre munido de sua problematização e suas bases teóricas (isso garante riqueza ao texto, tanto no aspecto descritivo quanto no analítico – outro fator que condiz com os objetivos do trabalho).

2. As etapas da pesquisa

Até o momento, toda a realização do trabalho envolveu cinco etapas: levantamento e seleção bibliográfica (que engloba artigos, teses, livros, notícias e reportagens relacionadas ao tema), leitura e fichamento, pesquisa de dados sobre o tema, realização de entrevistas e estudos de campo, e produção de material em texto.

O levantamento de leituras foi realizado inicialmente através de pesquisas na internet (de termos estratégicos como “podcast”, “podcaster”, “audiocast”, “webrádio”, entre outros), em bibliotecas universitárias e em livrarias. Neste momento, porém, algumas dificuldades metodológicas surgiram: que referencial teórico usar? Como escolhê-lo? Ele deve incluir material sobre “rádio” ou limitar-se ao que trata de podcasts e mídias digitais?

Para contorná-las, foi preciso ter em mente, com maior clareza do que nunca, que podcast e rádio são duas coisas distintas. Isso foi constatado após a realização de um trabalho conjunto com meu professor orientador, que consistiu em uma análise de como o podcast vem sendo pesquisado na área da Comunicação nos últimos anos. Para isso, foram examinadas 14 teses e dissertações sobre o tema defendidas entre 2006 e 2017 em Programas de Pós-Graduação em Comunicação ou áreas próximas, como Imagem e Som, Tecnologias da Inteligência e Mídias, disponíveis no Banco de Teses e Dissertações da Capes, analisando-se seus aspectos teóricos, empíricos e metodológicos.

Embora alguns autores optem por aproximar o podcast e seu antecessor de ondas eletromagnéticas, especialmente devido às semelhanças técnica e linguística relacionadas

à produção sonora que existe entre eles, a conclusão da análise sugeriu que o tema podcast é estudado a partir de suas ligações mais fortes com autoras e autores vinculados aos estudos de cibercultura, internet e mídias digitais, do que, propriamente, com as mídias sonoras ditas “tradicionais”. Foi possível questionar, a partir daí, a ideia de podcast como “rádio digital”, e ficou decidido que a referência ao rádio tradicional seria trazida apenas quando necessário para explicar as origens do podcast, de forma a buscar não reduzir o que é novo ao já conhecido.

Ao mesmo tempo, notou-se que seria necessário expandir a base bibliográfica do trabalho para os já mencionados estudos de cibercultura, internet e mídias digitais, na mesma linha em que fizeram os pesquisadores sobre o tema que me antecederam – mas tendo em mente que o estudo do podcast apresenta características específicas e não pode ser encarado como mais um estudo de mídias digitais em geral, pois vai além disso.

Conceitos como o “podcasting”, por exemplo, referente à forma de distribuição direta e atemporal dos podcasts através de feeds, e a própria definição de “podcaster” são essenciais para esse tipo de estudo, mas ao mesmo tempo são exclusivos desse universo (da “podosfera”) e dificilmente serão encontrados em estudos de mídias digitais em geral.

Uma vez resolvidas as dificuldades metodológicas relacionadas ao referencial teórico, era hora de iniciar a parte prática no trabalho. Mas antes de ir a campo e iniciar a tarefa de observação – que segundo Braga (2011, p. 20), corresponde à investigação propriamente dita –, foi necessário desenvolver, juntamente ao meu orientador, um bom planejamento, seguindo as delimitações de Gil (2008):

Na observação sistemática o pesquisador precisa elaborar um plano que estabeleça o que deve ser observado, em que momentos, bem como a forma de registro e organização das informações. [...] Esta definição precisa levar em consideração os objetivos da pesquisa, o que significa que se estes não estiverem claramente definidos, será impossível conduzir adequadamente o processo de observação. (GIL, 2008, p. 123)

Ficou estabelecido que determinados aspectos (sobre os quais se discorrerá a seguir) mereciam maior atenção, como infraestrutura e equipamento utilizados, tipo de linguagem, hierarquia dentro da equipe, interações entre seus membros, etc.

É válido apontar aqui um questionamento particular do estudo de podcasts que surgiu. Sendo esta uma mídia típica dos ambientes da internet, e que, portanto, está em constante mudança, qual seria a validade de meu trabalho no longo prazo? Alguns dos aspectos mencionados, que eu pretendia analisar nesta etapa, poderiam mudar em questão

de meses. Um estudo sobre o rádio, por outro lado, como mídia tradicional e já consolidada, dispensaria em parte esse tipo de preocupação, ainda que “o fazer rádio” não se mantenha completamente inalterado com o passar do tempo. Mas o podcast está mais sujeito a mudanças e se difere do rádio nesse sentido, pois claramente ainda está se desenvolvendo no Brasil e no mundo, e pode ou não se consolidar.

Essa incerteza me levou até mesmo a repensar a escolha pelo meu objeto de estudo. No entanto, a solução que encontrei foi enxergar a situação sob um ponto de vista diferente: não seria minha pretensão atribuir uma definição geral e definitiva ao podcast (algo que nem mesmo pesquisadores mais experientes se propuseram a fazer em seus trabalhos), mas sim retratar o que ele é e representa atualmente. Nesse sentido, meu trabalho seria válido para retratar como está se dando esse desenvolvimento, até para possíveis comparações com o que a produção de podcasts pode vir a se tornar no futuro.

Carvalho (2013), por exemplo, ao estudar os procedimentos de construção de podcasts, especifica uma dificuldade semelhante, e traz uma solução que vai na mesma linha:

Mas, como estudar os fenômenos da cibercultura, já que se transformam radicalmente no momento em que são observados? Para dar conta de um objeto que está inserido na rede da Internet o olhar processual se dá ao longo do tempo, acompanhando as alterações e transformações que ocorrem em um período [...] de produção. (CARVALHO, 2013, p. 20)

3. O trabalho de campo: aspectos iniciais

Tendo isso em mente, foram realizadas sete entrevistas com profissionais atuantes na produção de conteúdo para podcasts (o editor Caio Corraini, o técnico Danilo Santana e os produtores Beatriz Fiorotto, Luciano Pires, Heitor de Paula, Thiago Borbolla, Beatriz Viabone e Gustavo Alves), uma entrevista com uma pesquisadora da área (Anna Terra Miranda) e seis acompanhamentos em campo do processo de criação e gravação de episódios (dos podcasts Bilheteria⁴, Papo Torto⁵, Asterisco⁶, Motherchip⁷ e Numa Tacada Só⁸). Tudo foi registrado sob a forma de gravação de áudio e/ou anotações feitas durante essas etapas, sendo que os estudos de campo, quando possível, também envolveram a

⁴ Disponível em: <<http://overloadr.com.br/podcasts/bilheteria/>>. Acesso em 3 jul. 2018.

⁵ Disponível em: <<https://open.spotify.com/show/4gfHgrkHAs2LxXvHtl6ei>>. Acesso em 3 jul. 2018.

⁶ Disponível em: <<http://www.central3.com.br/category/podcasts/judao/>>. Acesso em 3 jul. 2018.

⁷ Disponível em: <<http://overloadr.com.br/podcasts/motherchip/>>. Acesso em 3 jul. 2018.

⁸ Disponível em: <<https://soundcloud.com/numatacadaso>>. Acesso em 3 jul. 2018.

realização de fotografias e pequenos vídeos, que futuramente poderiam ajudar na descrição do que foi observado. Nesse sentido, segue-se a determinação de Gil (2008):

O modo mais confiável de reproduzir com precisão as respostas é registrá-las durante a entrevista, mediante anotações ou com o uso do gravador. A anotação posterior à entrevista apresenta dois inconvenientes: os limites da memória humanos que não possibilitam a retenção da totalidade da informação e a distorção decorrente dos elementos subjetivos que se projetam na reprodução da entrevista. (GIL, 2008, p. 119)

As entrevistas com os produtores tiveram caráter qualitativo e foram realizadas sempre antes do acompanhamento *in loco* da gravação dos podcasts, a fim de coletar informações prévias sobre o programa e os responsáveis pela sua criação e realização. Seguiram sempre um roteiro de perguntas pré-estabelecido, que sofria pequenas adaptações conforme se mostrava necessário ao longo do caminho. Nessa etapa, o uso de entrevistas pareceu apropriado para capturar a subjetividade de cada caso, visto que a história dos podcasts e podcasters são distintas entre si, conforme diz Duarte (2004):

Entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados. Nesse caso, se forem bem realizadas, elas permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados (DUARTE, 2004, p. 3)

Todas as fontes do trabalho foram primeiramente abordadas por e-mail ou através das redes sociais (*facebook* e *twitter*). A opção pelo uso desses meios fez sentido porque os podcasters, em geral, costumam ser ativos na internet, onde disponibilizam os conteúdos que produzem. Houve muitos casos, porém, em que esse primeiro contato via internet não foi efetivo, e foi necessário obter ajuda de pessoas que se dispusessem a atuar como “ponte”.

Por exemplo, alguns dos estudos de campo e entrevistas realizados só foram possíveis em parte graças ao auxílio de uma colega de faculdade que é produtora de podcasts e possui contato com pessoas dentro desse universo, a Beatriz Fiorotto. Ela foi a primeira pessoa a indicar possíveis fontes para a minha pesquisa e intermediou o primeiro contato pessoalmente com algumas delas (especificamente, Danilo Santana, Heitor de Paula e Thiago Borbolla). Além disso, me convidou para acompanhar gravações

de podcasts das quais ela participou (o episódio especial do mês das mulheres do Bilheteria, gravado em março de 2018, e um episódio do Asterisco, gravado em maio do mesmo ano).

A partir disso, as demais fontes (Caio Corraini, Luciano Pires, Beatriz Viabone, Gustavo Alves e Anna Terra Miranda) foram encontradas ou através de pesquisas na internet ou por indicações de outras fontes com as quais eu já havia falado.

Nesse sentido, foi possível ver na prática o que muitos de meus entrevistados disseram sobre o universo dos produtores de conteúdo para podcasts: ele é relativamente pequeno e muitos dos indivíduos que estão ou estiveram dentro dele conhecem uns aos outros. Mais de uma vez, inclusive, os nomes indicados a mim como possíveis fontes se repetiram, vindos de pessoas diferentes, o que colaborou para determinar o grau de “importância” de determinados profissionais dentro deste universo.

Outros acompanhamentos de gravações de podcasts (de mais um episódio do Bilheteria, do Papo Torto e do Motherchip, todos gravados em maio de 2018) aconteceram graças à ajuda do já mencionado técnico Danilo Santana, que me manteve informada sobre as datas de gravações das quais participaria e permitiu a minha entrada no estúdio. Ademais, a podcaster Beatriz Viabone, outra colega de faculdade, permitiu minha presença na gravação de um episódio do Numa Tacada Só, em junho de 2018.

Houve tentativas de contato, também via e-mail e redes sociais, com outros produtores de podcasts de diferentes temáticas, formatos e tamanho, em busca de oportunidades para acompanhar suas gravações. No entanto, não foram obtidas respostas em muitos dos casos (o que, em determinados momentos, constituiu um obstáculo prático para a continuidade da realização do trabalho). Em outros, essa possibilidade ainda está pendente e aguardando confirmação. Isso mostra que, embora este universo possa ser considerado relativamente pequeno, conforme mencionado, a receptividade dos produtores à minha presença dentro do estúdio foi menor do que o esperado inicialmente. Nesse sentido, conhecer uma pessoa que pertencesse à equipe e pudesse “abrir as portas” do estúdio foi fundamental em todos os casos e constituiu uma forma de contornar o problema.

Todas as gravações acompanhadas aconteceram em dias de semana, no período da noite, ou aos finais de semana. Quanto a isso, é possível traçar um paralelo com o fato de que todos os episódios em questão envolveram a participação de indivíduos (seja como convidados, produtores ou até mesmo apresentadores) que possuem outros trabalhos e

dedicam-se aos podcasts como uma segunda atividade ou como *hobby* no seu tempo livre. Embora isso não seja uma regra (o editor Caio Corraini, por exemplo, dedica-se exclusivamente à função de editor), segundo os entrevistados, essa parece ser uma característica comum a muitos produtores de conteúdo para podcasts, dado que os potenciais de profissionalização e rentabilização financeira dessa mídia ainda não foram completamente explorados e estudados no Brasil.

Outra característica a ser destacada, comum à quase todas as gravações acompanhadas até o momento (exceto a do Numa Tacada Só, que não recebeu nenhum convidado na ocasião) e sempre prevista desde o momento da elaboração das pautas, é a colaboração mútua entre podcasters, algo que Luiz e Assis (2010) explicam como sendo uma característica típica dos podcasts brasileiros como um todo:

É muito comum que podcasters participem de programas de outras pessoas, conversando sobre assuntos variados e fazendo divulgação de seus próprios programas. Essa filosofia de colaboração mútua é tão difundida que mesmo podcasts recém-lançados podem contar com a participação de podcasters já ‘consagrados’ em seus programas e vice-versa (LUIZ; ASSIS, 2010, p. 9 e 10)

A estrutura disponível para as gravações, em termos de equipamento e locação, variava entre os programas, e não foi possível definir um padrão. Enquanto os episódios do Bilheteria, do Motherchip e do Asterisco foram gravados em estúdios profissionais de empresas especializadas em produção de conteúdo (e, portanto, contaram com microfones especiais e câmeras para transmissão ao vivo da gravação através de *lives* nas redes sociais, por exemplo), o Numa Tacada Só utilizou apenas um microfone de mão conectado a um smartphone e uma sala de reunião vazia. Já a gravação do Papo Torto, diferentemente de todos os outros, aconteceu em um teatro no centro de São Paulo, utilizando sua infraestrutura, e foi aberta ao público, que pôde interagir com os apresentadores durante o episódio.

Vale mencionar também que quase todas as gravações foram feitas ininterruptamente, salvo ocasiões em que surgiam problemas técnicos que impediriam a continuidade da gravação e precisavam ser solucionados. Caso contrário, sempre que necessário, apresentadores e técnicos dialogavam entre si silenciosamente através de manifestações gestuais, de forma a não intervir no programa. Apenas o Numa Tacada Só dividiu seu programa em blocos já no momento da gravação, o que permitiu a realização de intervalos para realizar ajustes de última hora na pauta, por exemplo.

Foi no momento da análise da linguagem que as proximidades entre podcast e rádio ficaram mais visíveis. Obviamente, o tema do programa é determinante neste aspecto, uma vez que define a possibilidade de uso de expressões, jargões e referências pelos apresentadores e convidados do programa. Durante a gravação do Motherchip (cujo público alvo é indivíduos familiarizados com o universo dos jogos digitais), por exemplo, isso se deu de tal modo que dificultou o acompanhamento do que era dito durante a gravação.

No entanto, analisando a linguagem utilizada nos podcasts em aspectos gerais, ela era sempre informal e dinâmica, tratando o ouvinte com naturalidade e proximidade, como acontece no rádio. Às vezes, inclusive, chegava a ser até mesmo escrachada (contando com uso de palavras de baixo calão), dada a liberdade que o podcast proporciona.

A próxima etapa, da edição, varia de programa para programa. Enquanto o Bilheteria e o Motherchip contaram com edições leves (envolvendo tratamento de áudio e inserção de trilha), os áudios do Asterisco, por exemplo, não contam com nenhum tipo de edição. De acordo com os respectivos produtores, trata-se de uma característica individual de cada programa que pode ser definida tanto a partir de uma escolha editorial como com base na viabilidade da edição (em termos de tempo e esforço que possam ser dedicados a essa etapa).

Com relação à publicação e distribuição dos conteúdos, por sua vez, há uniformidade: em todos os casos, o material final é publicado em plataformas *online*, seja em *websites* ou plataformas de consumo de conteúdo sob demanda, como iTunes⁹, Spotify¹⁰, Deezer¹¹ e/ou SoundCloud¹². Também é regra a divulgação desse material nas redes sociais depois que ele já se encontra disponibilizado ao público.

Luis e Assis (2010) explicam como a simplicidade técnica exigida pelo podcast em todas as etapas mencionadas colabora para o seu desenvolvimento como mídia:

A partir de uma origem fortemente tecnológica, o *podcast* teve um desenvolvimento voltado para facilitar sua produção e distribuição, permitindo que qualquer pessoa se torne potencialmente receptor e emissor, tornando a difusão de informações mais democrática (LUIZ; ASSIS, 2010, p. 1)

⁹ Disponível em: <<https://www.apple.com/br/itunes/>>. Acesso em 3 jul. 2018.

¹⁰ Disponível em: <<https://www.spotify.com/br/>>. Acesso em 3 jul. 2018.

¹¹ Disponível em: <<https://www.deezer.com/br/>>. Acesso em 3 jul. 2018.

¹² Disponível em: <<https://soundcloud.com/>>. Acesso em 3 jul. 2018.

De fato, muitos dos depoimentos obtidos por meio das entrevistas com os produtores de conteúdo indicam que essa característica foi decisiva para o surgimento de seus programas e segue sendo importante para a sua manutenção até hoje.

Como pode-se perceber, muitos aspectos do podcast identificados durante a realização dos estudos em campo, confirmados através das entrevistas e abordados na produção acadêmica disponível sobre o assunto, em geral, conversam entre si, de forma a gerar “conhecimento novo, relevante teórica e socialmente” (LUNA, 1997, p. 5). Isso pode ser entendido como a essência da ideia de se fazer pesquisa.

Ademais, vale destacar que essa alteração na relação entre receptor e emissor à qual se referem os autores afeta diretamente a nossa forma de comunicar. Nesse sentido, Sant’ana e Farias (2017) apontam que as mídias tradicionais, ao convergirem no meio da internet, tiveram que “se adaptar com as relações interpessoais e com as alterações que o avanço tecnológico permitiu no âmbito de interação social” (SANT’ANA; FARIAS, 2017, p. 2).

Considerações finais

Este artigo buscou expor de maneira breve algumas das questões levantadas no percurso metodológico de realização de meu Trabalho de Conclusão de Curso de graduação. A intenção foi apresentar os caminhos trilhados e descrever as etapas desenvolvidas até aqui, de maneira a propor uma reflexão sobre os motivos que me levaram a tomar determinadas escolhas no decorrer desse processo. Para isso, procurei trazer alguns dos fundamentos teóricos sobre metodologia de pesquisa que pudessem acompanhar (e em alguns momentos até complementar) a exposição da experiência.

Além disso, tendo em mente alguns dos resultados já obtidos com a pesquisa, existe o desafio de relacioná-los, em determinados momentos, à teoria existente sobre podcasts. Há muito mais a ser explorado nesse sentido.

Também foi intenção trazer o podcast à pauta, uma vez que ele aos poucos vem se desenvolvendo como mídia – e como tema de pesquisa – no país. Um dos principais pontos a se destacar, nesse sentido, é a diferença entre estudar “mídia sonora”, em geral, “rádio” e “podcast”. Sabe-se que o podcast herda características do rádio e, ao mesmo tempo, explora o potencial de difusão da informação das mídias digitais.

Um estudo de podcasts busca, portanto, dar conta de retratar essa complexidade, estabelecendo relações entre determinados conceitos específicos desses dois universos quando estes se aplicam ao podcast, mas também sabendo explorar aqueles que dizem respeito às singularidades dessa mídia e que lhe atribuem identidade. Trata-se de um desafio que se faz presente a partir do momento em que se pensa em pesquisar os podcasts.

REFERÊNCIAS

BRAGA, J. L. **A prática da pesquisa em Comunicação**: abordagem metodológica como tomada de decisões. In: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Brasília, v.14, n.1, p. 1-33, jan./abr. 2011. Disponível em: <<http://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/665/0>>. Acesso em 4 jul. 2018.

CARVALHO, P. M. **Procedimentos de construção de podcasts**: o caso Nerdcast. São Paulo: PUC-SP, 2013. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/4566/1/Paula%20Marques%20de%20Carvalho.pdf>>. Acesso em 8 jul. 2018.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. In: Educar em Revista. Curitiba, PR: Editora UFPR, n. 24, p. 213-225, 2004. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/2216/1859>>. Acesso em 4 jul. 2018.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: <<https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>>. Acesso em 9 jul. 2018.

GONSALVES, E. P. Conversas sobre iniciação à pesquisa científica. Campinas, SP: Alínea, 2001.

LUIZ, L.; ASSIS, P. **O Podcast no Brasil e no mundo**: um caminho para a distribuição de mídias digitais. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 33., 2010, Caxias do Sul, RS. **Anais...** Caxias do Sul, RS: Intercom, 2010. p. 1-15. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0302-1.pdf>>. Acesso em 27 mai. 2018.

LUNA, S. V. **Planejamento de pesquisa – uma introdução**: elementos para uma análise metodológica. São Paulo: Educ, 1997. Disponível em: <<http://franciscoqueiroz.com.br/portal/phocadownload/MetodologiadaPesquisa/luna%20sv%20planejamento%20de%20pesquisa.pdf>>. Acesso em 9 jul. 2018.

MARTINS, M. N. e BORELLI, V. **A etnografia na comunicação:** estratégias e metodologias desenvolvidas para o estudo do programa radiofônico Sala de Redação. In: Revista Anagrama. v. 2, n. 1, p. 1-10. São Paulo, SP: USP, set./nov. 2008. Disponível em:
<<https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35345/38065>>. Acesso em: 5 jun. 2018.

OLIVEIRA, R. C. **O trabalho do antropólogo:** olhar, ouvir, escrever. In: Revista de Antropologia. v. 39, n. 1, p. 13-37. São Paulo, SP: USP, 1996. Disponível em:
<<http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111579>>. Acesso em: 7 jul. 2018.

_____. O trabalho do antropólogo. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2000.

SANT'ANA, V. P.; FARIAS, K. **Podcast:** a definição das comunidades virtuais e a segmentação de público. Santa Catarina: Satc, 2017. Disponível em:
<http://site.satc.edu.br/admin/arquivos/30070/Vinicius_Pickler.pdf>. Acesso em 27 mai. 2018.

TRAVANCAS, I. S. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In: BARROS, A. e DUARTE, J. (orgs.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo, SP: Atlas, 2006. p. 98-109. Disponível em:
<<https://marinasaraiva.files.wordpress.com/2013/04/etnografia-e-comunicacao.pdf>>. Acesso em 7 jul. 2018.

_____. O mundo dos jornalistas. São Paulo, SP: Summus, 1993.